

a chama



REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO



Às vezes sou... bonita, justa, um lugar apreciado pela beleza.

Cidade sarcásticoamente mais...

A ignorância não me serve...

E o Rio é baile de favela.

O DIA A DIA
DO PROJETO
POLÍTICO-
PEDAGÓGICO

CARTAS



A Chama agradece os muitos elogios recebidos – ao vivo, em cartas, postagens e curtidas nas redes sociais – à edição n.92, dedicada à música no Colégio São Vicente de Paulo. E pede desculpas por uma omissão: ao nome da Professora Maria Luísa Leal Ferreira Cooper, a Malu, citado na revista apenas uma vez, por Alice Passos, cantora e ex-Aluna do Colégio. Malu Cooper foi regente e preparadora vocal de Corais no São Vicente, de 1º de março de 2004 a 25 de maio de 2012, quando morreu prematuramente. Ela fez parte da competente equipe que ajudou a formar um grande número de profissionais e amantes da música no CSVP, além de ter levado nossos corais à excelência reconhecida por nomes de peso no meio musical. Perdão, Malu!

Sou admiradora do empenho do Colégio no maravilhoso trabalho em música, que tenho acompanhado deste sempre pela participação de meus filhos.

Parabéns pela revista!

Esta edição primorosa certamente vai dar maior visibilidade ao trabalho fantástico que vem sendo realizado à comunidade de pais e amigos do Colégio São Vicente.

Veronica F. Teicher Pereira
Mãe de Alunos

Olá a todos da Revista A Chama. Primeiramente, quero parabenizar pela excelente e necessária cobertura que vocês fizeram, na Revista Chama 92, das atividades musicais do Colégio São Vicente de Paulo. Em segundo lugar, quero agradecer a lembrança de incluir na matéria minha passagem como professor de música do CSVP, onde lecionei, como vocês assinalam, durante 10 anos, sempre com muita dedicação. Um grande abraço

José Henrique Nogueira
Ex- Professor do CSVP

Parabenizo à equipe que confeccionou esta edição da Chama pelo belíssimo trabalho. Fotos lindas, conteúdo histórico, uma beleza mesmo!

Embora não tenha lido ainda, só de passar as páginas virtuais (espero que a revista em papel esteja guardadinha me esperando no Brasil), vejo o respeito e o valor que o Colégio dá à Música na Educação.

Amo fazer parte de tudo isso!!

Obrigada a todos que possibilitaram esse registro da Chama!

Patrícia Costa
Regente do SVEM e SVAC
(via facebook)

Muito bom trabalho! A equipe está de parabéns!!

Marcos Cavalcanti
Ex-Aluno (via facebook)

Realmente a qualidade está de primeira. É muito importante os registros históricos que são feitos para dar base às iniciativas da nova geração.

José Bandeira de Mello
Ex-Aluno (via facebook)

SUMÁRIO

- 2 CAPA**
O PPP NA PRÁTICA
- 4 AÇÃO PEDAGÓGICA**
MURO DA GENTILEZA:
DESAPEGO E SOLIDARIEDADE
- 6 GRÊMIO**
CIDADANIA EM DEBATE
- 8 PERFIL**
RONALDO NEVES
- 10 COMO SE FAZ**
O MAS - MOVIMENTO DA
ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL
- 12 ONTEM E HOJE**
- 14 TRANSFORMADORA SOCIAL**
TATIANA LEITE: TRANSFORMAÇÃO
ATRAVÉS DO EMPREENDEDORISMO
- 16 APM**
CONFRATERNIZAÇÃO NO
CHURRASCO DOS FORMANDOS
DE 2015
- 18 PALESTRA**
TÂNIA ZAGURY FALA DE
PREVENÇÃO ÀS DROGAS
- 20 AÇÃO SOCIAL**
CSVP EM MUTIRÃO NA VILA KENNEDY
- 22 NOTAS**
- 24 HOMENAGEM**
O LEGADO DE MARIA CELIA
BUSTAMANTE PARA A CHAMA

EDITORIAL

Oi, mais uma revista A Chama, a de nº 93 em 43 anos, está sendo entregue. E entre as mais variadas e interessantes pessoas que enriquecem este número, lembramos de Maria Célia Bustamante, fundadora da revista, falecida recentemente, aos 89 anos. A Associação se solidariza com a família neste momento difícil. Há três anos, quando A Chama completou 40 anos, resgatamos seu logotipo, “uma série de velas que se sucedem, representa essa difusão de vida e amor”, na definição da própria Maria Célia. Um exemplo de dedicação e zelo ao CSVP.

Ronaldo Neves, o Rona, Tatiana Leite, a Tati, a galera no PROVOC, o MAS_CSVP, o Mutirão em Vila Kennedy e o Muro da Gentileza, o Bolo, a mão que se estende em busca de um pedaço, tudo fazendo parte de uma coisa só, e o Projeto Político-Pedagógico direcionando, dando “liga”. É o PPP no dia a dia do Colégio.

Termino informando que em breve sairá o Edital das Eleições para a Diretoria da Associação de Pais e Mestres, biênio 17/18. Para pessoas de qualquer idade, destemidas, inovadoras, que tenham boas idéias, muita disposição e que saibam trabalhar em equipe.

Remuneração compatível com o cargo de... voluntário!!!

Fique ligado!

Carlos Diniz

a chama

Revista editada pela Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Ano XLIII Nº 93
Agosto/ 2016

Rua Cosme Velho, 241 - Cosme Velho - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22241-125
Telefone: (21) 3235-2900 e-mail: revistachama@csvp.g12.br

Supervisão Editorial: Pe. Maurício Paulinelli e Tulio Vasconcellos

Reportagem: Rodrigo Prestes e Rosa Lima

Edição de Textos: Rosa Lima

Revisão: Pe. Maurício Paulinelli e Marlene Duarte

Projeto gráfico e Produção Editorial: Christina Barcellos

Fotos: arquivo CSVP, arquivo Ronaldo Neves, arquivo Tatiana Leite, , arquivo Família Bustamante, Rosa Lima, Christina Barcellos, Maria Clara Borges, Lorena Pinto Coelho e Simone Fuss.

Distribuição interna e venda proibida

Tiragem: 2 mil exemplares

Jornalista Responsável: Rosa Lima - Mtb: 18640/RJ

DIRETORIA DA APM

Presidente: Carlos Diniz Marques Campos e Flavia Fioruci Bezerra

Vice-Presidente: Simone Fuss Maia da Silva e Angelo Maia da Silva

Relações Públicas: Tulio Vasconcellos e Sheila Ornellas Guimarães

Secretária: Lucia Carvalho Coelho e Fernando José Rodrigues

Tesoureira: Verônica de Gusmão Mannarino e Alvaro Killkerry Neto

Representante dos Professores: Jéssica Moura Dias Campos

Assistente Eclesiástico: Pe. Agnaldo Aparecido de Paula

Conselho Fiscal: Neuza Miklos/ Álvaro Barbosa de Carvalho, Marlene Martins Duarte/Ronaldo Souza Soares, Sheila O. Guimarães/ Flavia F. Bezerra

Secretário da APM: Edevino Panizzi

O PPP NA PRÁTICA

Depois do longo processo de atualização por que passou, o Projeto Político-Pedagógico do São Vicente está agora em fase de implantação no cotidiano escolar

“Estimular o engajamento de toda a Comunidade Educativa em projetos institucionais, sistemáticos e graduais que favoreçam a vivência da solidariedade concreta, como sinal de responsabilidade e compromisso com as causas dos que sofrem com a exclusão e injustiças sociais, especialmente os empobrecidos”. - (PPP, Linhas de Ação: 1.2, página 46).

Assim, com essa epígrafe antecedendo a mensagem, os Pais e Responsáveis receberam, no dia 13 de junho, a circular do Colégio informando sobre os donativos para o Bazar da Solidariedade Vicentina, que ocorreria durante a Feira de Cultura e Compromisso Social, no dia 25 daquele mês. A medida faz parte de uma estratégia mais ampla da Direção do Colégio São Vicente de divulgar as políticas e ações do seu Projeto Político-Pedagógico, atualizado e entregue no ano passado, depois de 15 anos da publicação do documento original.

Para garantir sua assimilação por toda a Comunidade Vicentina, além das circulares aos Responsáveis pelos Alunos, indicando o trecho do PPP a que aquela comunicação diz respeito, têm sido promovidas reuniões com Funcionários, em que os Coordenadores e Diretores destacam sempre um ponto do documento para reflexão de todos, de forma que ele seja absorvido na própria prática diária da Escola. Também para a Feira de Cultura e Compromisso Social, foi solicitado a todos os segmentos que explicitassem no evento ou na barraca a que ponto do PPP aquele projeto se referia.

“Tudo isso tem o intuito de tornar a Comunidade mais consciente dos nossos valores, políticas e práticas. Nós estamos ligados não apenas por um passado, mas pela proposta de mundo em que acreditamos”, explicou Padre Agnaldo Aparecido de Paula, da Direção do Colégio São Vicente.

São esses valores, políticas e práticas que o Projeto Político-Pedagógico se propõe a explicitar.

“O Projeto Político-Pedagógico é o que dá identidade à Escola. É o que a faz, mesmo seguindo a legislação vigente no país, ter personalidade própria. E isso não por causa de um Diretor, de um Coordenador ou um Professor, mas por conta de um documento, pactuado entre toda a Comunidade Escolar, que diz a quê essa Escola se propõe, qual é o seu perfil. Ele define que tipo de

proposta educacional ela pretende desenvolver, que tipo de ser humano ela se propõe a ajudar a formar, que tipo de sociedade quer ajudar a construir. E para isso, ela tem seu currículo, suas metodologias, suas maneiras próprias de abordar o conteúdo. O PPP, portanto, é o que dá sentido a todo esse trabalho escolar”, afirma Pe. Agnaldo.

Lançado originalmente em 2000, o PPP passou por processo de atualização por dois anos, de forma a melhor se adequar às demandas da realidade atual. “Esse processo mobilizou o maior número de pessoas possível, porque acreditamos que quanto maior fosse a participação de Diretores, Coordenadores, Professores, Alunos, Ex-Alunos, Funcionários e Pais, mais facilmente ele seria digerido por toda a Comunidade”, explicou o Diretor do Colégio.

Conforme já estava previsto mesmo antes de seu lançamento, o documento – que explicita as cinco políticas institucionais e as 26 linhas de ação para a concretização de sua missão – está agora em sua fase de implantação no dia a dia da vida escolar.

Inspiração em São Vicente de Paulo

Segundo Pe. Agnaldo, nos grandes princípios todos estão de acordo, mas é preciso pensar como as coisas acontecem no cotidiano. “Na hora de concretizar a solidariedade, a inclusão dos Alunos na prática, tudo é pensado. No que diz respeito à dimensão sociopolítica, por exemplo, estamos falando especificamente naquela inspirada em seu patrono, São Vicente de Paulo, que dedicou toda a sua vida à mudança das estruturas sociais do seu tempo a partir dos excluídos. Então, é a partir desse lugar social, dos mais pobres, que nós pensamos em contribuir com a construção de um mundo mais justo e solidário”.

Para Pe. Agnaldo, é de fundamental importância os pais conhecerem o PPP porque ele apresenta uma concepção de ser humano e uma concepção de sociedade que pode não coincidir com aquilo que a família deseja para seu filho ou filha. “Nós temos a concepção de um ser humano coletivo, permanentemente em construção, aberto às diferenças, solidário com os que

sofrem, uma proposta de sociedade mais justa e igualitária. Então, se os pais têm uma concepção de homem mais centrada no indivíduo, na competição, na hierarquia, os conflitos serão inevitáveis”, disse.

Pe. Agnaldo destaca que não basta escolher o Colégio do filho pela proximidade de casa, porque alguns falam bem do ensino ou porque ele tem renome. É preciso saber a que o Colégio se propõe como filosofia de educação para toda a Comunidade para evitar tensões desnecessárias.

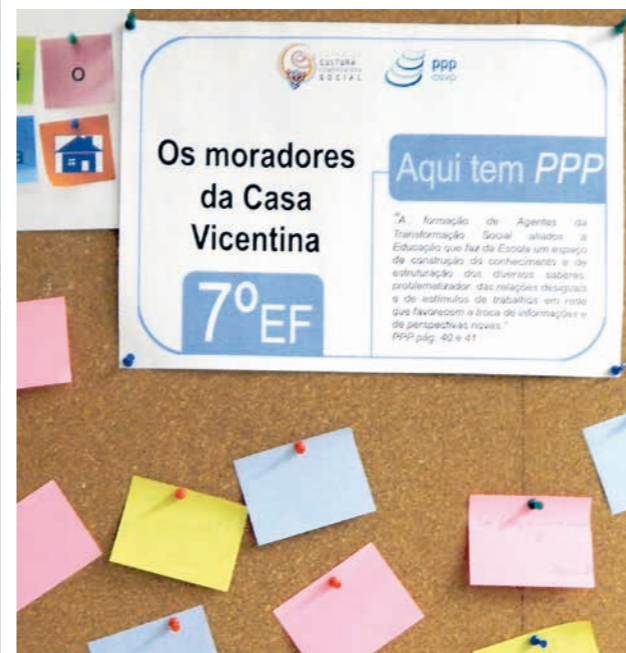
“Nossa missão é formar agentes de transformação social. O que é isso? Isso é objeto de reflexão permanente. Então, na hora de decidir se colocamos ou não uma faixa, se realizamos ou não um debate, essa proposta é debatida em várias instâncias, passa por vários setores, até chegar ao Conselho Pedagógico, para avaliar se isso de fato está dentro do PPP, se é coerente com ele e se atende ao que ele propõe. Tudo tem uma intencionalidade e é importante que todos estejam conscientes disso”, concluiu o Diretor.



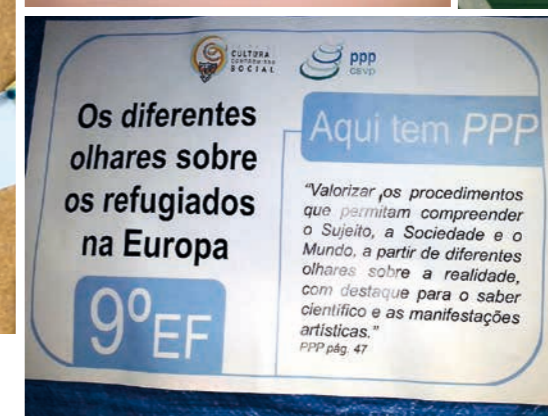
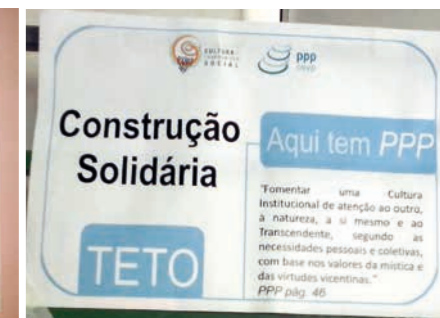
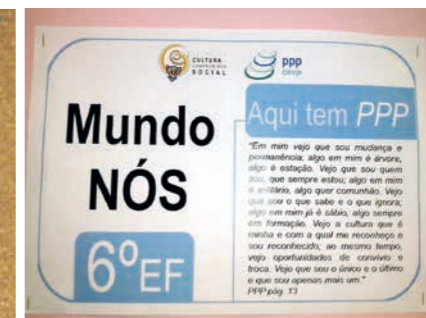
Todas as medidas adotadas no Colégio, como a colocação de faixas na fachada, têm uma intencionalidade, coerente com o que diz o PPP



FOTOS: ARQUIVO CNMP



Na Feira de Cultura e Compromisso Social, todas as atividades explicitaram a que ponto do Projeto Político-Pedagógico se referiam



FOTOS: ROSA LIMA

MURO DA GENTILEZA: QUEM PRECISA, PEGA; QUEM QUER, DEIXA

Quem hoje passa pelo portão de entrada dos Alunos do Colégio São Vicente diminui o passo, olha curioso para aquela pintura colorida e aos poucos vai se chegando. De um monte de roupas penduradas num cabideiro, escolhe uma camisa, um casaco ou uma saia... Outros se aproximam trazendo livros, cds ou sapatos, que depositam nas caixas presas junto ao muro, até que um terceiro os pegue para si.

É desse movimento, de deixar o que não se usa mais ou pegar o que se precisa no momento, que se nutre o Muro da Gentileza, lançado oficialmente na manhã do sábado, 25 de junho, durante a Feira de Cultura e Compromisso Social do Colégio.

“Quem pega, não precisa necessariamente deixar alguma coisa, mas é um exercício de pensar no outro e de se sentir parte da sua comunidade. Trata-se de praticar o desapego, a solidariedade e de fazer girar gratuitamente os objetos. É uma atitude de generosidade que promove indiretamente uma reflexão sobre nossas reais necessidades, nossa condição humana e nossa sustentabilidade econômica e ambiental”, disse a Coordenadora Comunitária do Colégio, Laura Régent, explicando a motivação e o funcionamento do Muro da Gentileza.

A ideia inicial partiu da Professora de Sociologia Renata Salomone, que se encantou com uma história lida num jornal sobre uma tradição consagrada no Irã. Lá, mais especificamente na cidade de Masshad, uma pessoa teria pendurado ganchos no muro da própria casa, com um cartaz em que se lia: “Se você não precisa, deixe aqui. Se precisa, leve”, para ajudar na doação e distribuição de roupas de frio para os pobres e sem-teto enfrentarem o rigoroso inverno da região. A ideia vingou e se espalhou por outros muros da cidade e do país.

Projeto de intervenção urbana

E acabou por encantar também a Comunidade Escolar do São Vicente. Para os Professores do Ensino Médio, que já tinham em mente desenvolver conjuntamente um projeto de intervenção urbana com os Alunos, a proposta da Renata caiu como uma luva. Da ideia à realização final do Muro da Gentileza, várias equipes trabalharam no projeto interdisciplinar, que envolveu mais de 150 Alunos, várias coordenações e a própria Direção da Escola, ao longo de dois meses.

“O muro faz parte da arquitetura do Colégio, que tem inspiração construtivista. O construtivismo, por sua vez, foi um movimento artístico de origem russa, marcado por uma forte preocupação social e que teve Kazimir Malevitch como seu maior expoente. A ideia era usar caixas para a coleta dos objetos, então integrar a geometria à pintura do muro acabou sendo uma consequência quase natural do projeto”, explicou Claudia Marçal, a Cacau, Professora de Artes, que coordenou a pintura dos Alunos, num trabalho que levou dois dias e o revezamento de diferentes equipes



O muro foi inaugurado em 25 de maio, durante a Feira de Cultura e Compromisso Social. Teve música, teatro, poesia e flores. Depois, o que se vê são exercícios de desapego e solidariedade: passantes que param, pegam e folheiam um livro, como a mulher ao lado, levam uma roupa ou um sapato ou deixam o que não precisam mais

CHRISTINA BARCELLOS

para a sua execução. Sobre as formas geométricas coloridas, a linha unindo o Corcovado ao Pão de Açúcar com os dizeres “Muro da Gentileza: se precisar pegue, se quiser deixe”, foi ideia dos Alunos, contou Cacau.

Enquanto o projeto da pintura ia sendo construído, faixas foram espalhadas pelo Colégio pedindo a doação de roupas e objetos para a inauguração do muro. Além de artes plásticas, ele contou também com a equipe de mídia, orientada por Cris Ferrell, que documentou o trabalho em vídeo e fotos; a equipe de teatro, coordenada pela Prof. Ana Brasil, responsável pelos esquetes teatrais; e a de música, sob a regência dos Professores José D’Assumpção e Danilo Frederico, comandando as belíssimas apresentações musicais no dia do lançamento, que lotou a calçada da Rua Cosme Velho.

Nos dias que seguiram à inauguração, o movimento já era intenso no Muro da Gentileza, de gente pegando e deixando objetos. Como Luana Balthazar, ex-Aluna, editora e moradora do bairro, que na manhã de quarta-feira, 29 de junho, podia ser vista deixando livros nas caixas. “Achei uma ótima iniciativa, que condiz muito com a postura da Escola e fortalece os laços na comunidade”, disse.

A auxiliar de serviços gerais Rosely Umbelino, que se dirigia ao ponto de ônibus em frente, aproveitou para pegar uma blusa de que gostou. “Achei demais isso, show de bola. Ajuda a resgatar a humanidade das pessoas, que anda escassa nos dias de hoje”.

“Desejamos expandir ainda mais o projeto: não só roupas e objetos podem ser deixados no muro, mas também poemas, textos, imagens e quaisquer outras criações artísticas que as pessoas queiram compartilhar. O objetivo é incentivar o crescimento cultural da comunidade e estimular a solidariedade e a gentileza”, disse a Professora Renata Salomone, orgulhosa da semente que plantou.

SEMANA POLÍTICA DO CSVP 2016

*Texto escrito pela diretoria do Greco a convite dos editores de A Chama

É comum ouvirmos que os jovens de hoje são alienados e que não se importam, participam ou se interessam por política. O exercício de cidadania não pode ser limitado a apertar algumas teclas de uma urna a cada quatro anos, pois afinal, a cada dia, diversas decisões vindas de cima para baixo se somam e influenciam nossas vidas. Foi pensando nessas questões que a *Semana Política do CSVP 2016* foi elaborada. Cinco dias (13-17 de junho) foram preenchidos com debates presentes no atual cenário político e que pudessem ser atrativos e envolventes aos estudantes do 9º ao 3º ano do Ensino Médio. Chegando ao fim de uma semana rica, podemos concluir que a escola é um espaço político. Política também deve ser discutida dentro de sala e é de extrema importância que a formação estudantil também seja uma formação para além da reflexão e que se proponha a alterar a realidade que ainda não nos contempla. Ocupemos a política.

1º DIA 13/06

No primeiro dia de atividades, contamos com a presença de Victor Toscano (graduando em Relações Internacionais pela PUC e monitor de Terrorismo Internacional), que fez uma apresentação do terrorismo moderno como consequência do imperialismo. Levando em consideração os diversos atentados recentes em um mundo cada vez mais globalizado, e com a então proximidade dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro, estudar e entender as origens do terrorismo é de extrema importância para o jovem hoje. Além disso, o debate foi de fundamental interesse para aqueles e aquelas que participariam mais tarde do SiSV (Simulações São Vicente) e cujos temas tratariam do imperialismo norte-americano e do próprio terrorismo.



FOTOS: ARQUIVO CSVP

2º DIA 14/06

O segundo dia teve destaque porque contou com a presença de estudantes secundaristas, assim como nós. Vieram ao São Vicente: Fernanda Ribeiro e Ana Júlia Marques, do Colégio Estadual José Leite Lopes, Gabriel Leão, do ISERJ, e Geovana Diniz, do Colégio Estadual João Alfredo. Inspirados nos estudantes de São Paulo, que em 2015, conseguiram conter a proposta de reorganização do governador Geraldo Alckimin, os estudantes das escolas estaduais do Rio de Janeiro ocuparam suas escolas, durante mais de dois meses, reivindicando maior atenção, qualidade de ensino, investimento e salário aos seus professores, além de democracia nas escolas.



3º DIA 15/06

O terceiro dia trouxe à tona o debate sobre a influência das mídias na política. Contamos com as presenças de: David Miranda (coordenador da campanha de asilo do Snowden no Brasil e jornalista do The Intercept), Felipe Peçanha (Mídia Ninja) Tauan (membro do coletivo Papo Reto) e Jefferson Monteiro (criador do perfil Dilma Bolada). No Brasil os grandes meios de comunicação estão extremamente concentrados, sendo a maioria deles pertencentes a menos de dez famílias. Com a invenção da internet e sua crescente acessibilidade observa-se a ascensão de formas alternativas de comunicação, criando um movimento de resistência aos meios de manipulação em massa.



4º DIA 16/06

Já no quarto dia, as discussões foram voltadas para o processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Contamos com as três principais perspectivas da população em um debate caloroso e saudável: Darlan Montenegro (História pela UFRJ, mestre e doutor em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro) saiu em defesa da permanência da presidenta Dilma no poder durante a votação e reivindicou sua volta; a bandeira do impeachment foi levantada por Rodrigo Lamas (engenheiro eletrônico pela UFRJ, mestre em engenharia aeronáutica pelo ITA e coordenador estadual do PSDB Empreendedor e um dos líderes do Movimento Vem Pra Rua no Estado do Rio de Janeiro); e Nathalie Drumond (geógrafa formada pela USP e Mestre em Geografia e Movimentos Sociais pela UFF) sustentou que deveriam ser convocadas novas eleições tanto para presidência quanto para o Congresso e Senado.



5º DIA 17/06

No último dia da Semana Política, o ginásio vicentino contou com a presença de dois candidatos à Prefeitura do Rio de Janeiro: Marcelo Freixo (PSOL) e Carlos Osório (PSDB). No momento em que os cariocas se encontram, discutir sobre sua cidade é de extrema importância. Assim, os dois candidatos convidados apresentaram suas propostas e observações sobre a cidade, em discussões que giraram em torno de mobilidade, educação, Olimpíadas e o papel da juventude. Os alunos e professores tiveram papel importante no debate, fazendo perguntas e colocações sobre o futuro da Cidade Maravilhosa.



UMA VIDA DE SUPERAÇÃO E ARTE



Conheça a trajetória de Rona, o artista e Aluno da EJA Ronaldo Neves, que teve seu filme *Todos São Jorge* exibido pelo Cineclube do Colégio

Artista plástico e roteirista, escritor de contos e peças teatrais, dançarino, fotógrafo, diretor, poeta. Mas afinal quem é Ronaldo Neves? Aluno da Educação de Jovens e Adultos do Colégio São Vicente de Paulo desde o ano passado, Ronaldo, ou Rona, como é conhecido, chamou a atenção da Comunidade Escolar quando exibiu seu documentário *Todos São Jorge*, numa sessão do Cineclube do Colégio no semestre passado.

Ronaldo é original do Complexo do Lins, na região do Grande Méier, Rio de Janeiro, mas mantém um ateliê próximo à Estação do Trem do Corcovado, no Cosme Velho, onde trabalha. Até chegar aqui, porém, percorreu uma longa estrada. Nascido no ano de 1968 e filho da lavadeira Maria do Carmo e do electricista Dinart, desde muito cedo Ronaldo apresentou uma sensibilidade e um olhar diferentes da maior parte de seus colegas. Desenhava muito em seus primeiros anos e adorava ir ao teatro, mesmo tendo pouquíssimo acesso.

Aos 14 anos começou a trabalhar como faxineiro no SESC da Tijuca e entrou pela primeira vez em uma coxia de teatro. Ficou fascinado com os cenários, os figurinos, todas as possíveis histórias que ali poderiam ser contadas. Para sua surpresa, pouco menos de um ano depois teve a oportunidade de fazer um curso de teatro gratuito com a duração de um ano, que muito o influenciaria.

Mas seu sonho de infância mesmo era ser bailarino. Via filmes com dançarinos do gabarito de Fred Astaire e procurava imitar suas

coreografias, como também de artistas como James Brown e Michael Jackson. Nas festinhas se sobressaía, e ganhou até alguns concursos de dança em clubes da redondeza na adolescência. Aos 21, entrou para a Escola de Dança Maria Olenewa, do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, onde ficou até os 25 como bailarino afro.

Contra dificuldades, criatividade

De origem humilde, teve que batalhar muito para se sustentar e correr atrás de seus sonhos. Trabalhou como *office boy* em diversas empresas. Em uma delas encontrou com uma senhora que gostou demais de seus desenhos - que ele carregava numa pasta para cima e para baixo, sempre desenhando nos intervalos - e ofereceu a ele uma bolsa para estudar pintura no Parque Lage.

“Até então eu desenhava com lápis de cor em papel comum. No Parque Lage descobri vários materiais e comecei a pintar mesmo”, conta. “Nessa época, eu fazia de tudo um pouco na Companhia Maria Olenewa, onde eu dançava. Mexia com figurino, cenário, e numa conversa com uma amiga surgiu a ideia de eu pintar um letreiro para uma peça que ia entrar em cartaz. Topei na hora.”

Daí para frente foram 12 anos pintando letreiros para teatros como a Casa da Gávea, Teatro dos Quatro, Bibi Ferreira, Vanucci e Carlos Gomes. Quando a plotagem entrou no mercado e os letreiros pintados à mão acabaram, passou a pintar paredes para sobreviver. Mas a arte continuava em paralelo, firme, pulsante.

“Nunca vi dificuldades na vida. Eu tinha que me manter, então inventava alguma coisa, usava a criatividade. Desde cedo entendi que era assim que eu tinha que fazer. Quando criança aprendi com as invenções dos meus pais e avós: as latas d’água que a gente tinha que carregar, e que eram feitas com latas de azeitona, ganchos e cabos de vassoura para facilitar o transporte; a árvore de Natal que meus pais faziam com cano de PVC, vareta de guarda-chuva e algodão de pote de remédio pintado; os tantos brinquedos que meu avô fazia para mim; as roupas que minha mãe e minha avó costuravam para a família toda”, lembra.

Já havia trabalhado com vídeo antes, mas foi em 2001 que ganhou seu primeiro prêmio como coroteirista do curta-metragem *Senhoras*, que escreveu em parceria com seu amigo, o diretor Allan Ribeiro. Trabalhou também com ele como argumentista em *O brilho dos meus olhos* e participou do documentário *As últimas putas de Paris* e do premiado média-metragem *A dama do Estácio*. Seu primeiro documentário como diretor e roteirista, *Todos São Jorge*, que trata da devoção popular, ainda não foi inscrito em nenhum festival, mas teve sua primeira exibição no Colégio São Vicente, à convite do Greco. E foi um sucesso.

“Eu nunca persegui um ‘acontecer’: “Quando eu chegar...”. Quando eu chegar eu não tenho mais para onde ir. Eu não quero chegar, quero continuar caminhando e aprendendo. Pra mim, tudo o que está dentro da gente é o que transforma a gente. É por isso que eu não quero ser grande, famoso. Só quero transmitir a minha mensagem. E se eu puder transformar através da minha arte, já valeu a pena.”

Foi por essa vontade de transformar e aprender que Ronaldo resolveu voltar a estudar, depois de tantos anos. Por uma indicação de um amigo veio parar no Colégio São Vicente. E ficou.

“Tem uma questão no São Vicente que vai muito além do diploma, que é o que a gente vai levar para a vida. Eu me identifiquei de cara com a casa. Aqui a gente tem voz, nossa opinião é valorizada e podemos conversar livremente sobre questões sociais, sobre cidadania, sobre o que a gente sentir que precisa e quer. E os Professores todos são muito atenciosos”, relata.

E como a transformação vem de diversas formas, há dez anos Ronaldo mantém um projeto social de convivência artística em sua comunidade de origem, o Complexo do Lins. E transmite às crianças, entre massinhas, giz de cera e tintas guache:

“Acredite na sua verdade interior, ela é que te guia. Existem verdades fora que querem guiar a gente, mas a gente tem que confiar mesmo é no que sente profundamente no coração.”

“Tem uma questão no São Vicente que vai muito além do diploma, que é o que a gente vai levar para a vida. Eu me identifiquei de cara com a casa”

Ronaldo Neves





MOVIMENTO PELA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

Comunidade escolar se mobiliza para pensar opções de alimentos que promovam a saúde dentro e fora do Colégio

“**J**ujuba, bananada, pipoca, Cocada, queijadinha, sorvete, Chiclete, sundae de chocolate Paçoca, mariola, quindim, Frumelo, doce de abóbora com coco, Bala juquinha, algodão doce e manjar.”

A famosa música de Marisa Monte, *hit* nas festinhas infantis, pode deixar muita gente com água na boca. Afinal, quem



Três momentos na Feira de Compromisso Social: meninas catando minhocas; a Aluna Maria Carolina, da T302 (de olhos tapados), com a mãe e a avó; e a turma do MAS



não gosta de um docinho de vez em quando? Mas quando 'o de vez em quando' se transforma em hábito diário, e quando o assunto é o desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes, a história muda de figura. Especialmente em um país que conta com quase um quinto de sua população em estado de obesidade.

É o que pensam os Pais de Alunos do Movimento Pela Alimentação Saudável (MAS). Criado em maio deste ano em parceria com a Coordenação Comunitária e a APM (Associação de Pais e Mestres), o movimento se propõe a pensar alternativas para uma alimentação mais saudável dentro e fora do Colégio. Na página criada pelo grupo no Facebook, são postadas semanalmente matérias de diversos veículos de comunicação sobre o tema. Assim o grupo descreve a si mesmo:

“Nosso objetivo é despertar o interesse por alimentos, sabores e opções que contribuam para uma vida melhor, com mais saúde. Para tanto, precisamos estimular o debate sobre o assunto e promover ações em prol de uma alimentação mais equilibrada. Queremos atingir não apenas os Alunos, mas toda a Comunidade Vicentina, formada por Familiares, Professores, Funcionários e Direção.

Sabemos que o corre-corre diário dificulta a adoção de medidas como limitar o uso de alimentos processados, comer com regularidade e planejar o preparo das refeições. No entanto, em um mundo em que obesidade, diabetes, alergias e várias outras doenças estão associadas a uma alimentação inadequada e pobre em nutrientes, é fundamental que a Escola – um espaço de formação de agentes de transformação social – se posicione em favor da educação alimentar.”

Uma luta antiga

“Desde o início da nossa gestão, em 2013, havia a vontade de questionar as opções da cantina do Colégio”, conta Carlos Diniz, presidente da APM. “O incômodo com a venda liberada de refrigerantes e balas é antigo”. Antigo mesmo: uma matéria da revista *A Chama* de 2003, há treze anos, já questionava a oferta de alimentos ricos em gordura e glicose na cantina do Colégio e anunciava mudanças com a abertura da então nova cantina natural, que vinha trazer opções de vitaminas e sucos naturais. Mas a

verdade é que de lá para cá pouco mudou, e as balas, os refrigerantes e hambúrgueres seguem sendo os alimentos mais consumidos pelos Alunos.

Mesmo os sucos de caixinha ou lata, aparentemente menos nocivos, já vêm sendo condenados por nutricionistas como tão prejudiciais quanto os refrigerantes. Em recente depoimento ao jornal Estado de Minas Gerais, a nutricionista Larissa Loures Mendes classificou esse tipo de suco como “uma bebida reconstituída, com um somatório de aditivos, aromatizantes e estabilizantes, e com uma quantidade de açúcar similar a de um refrigerante”.

Para dar embasamento à discussão, foi feito um levantamento em oito cantinas de diferentes colégios do Rio de Janeiro, e a cantina do São Vicente foi a única encontrada com venda tanto de refrigerantes quanto de balas. “Nesse ponto, o São Vicente ainda não está alinhado com a maior parte dos colégios, que parecem já ter avançado mais nessa discussão, oferecendo opções de alimentação mais saudáveis a seus alunos”, opina Flaviane Canavesi, do MAS.

Para Lorena Coelho, a questão é ainda mais grave. Ela considera antipedagógico o estudo da educação alimentar sem sua contraparte prática. “O projeto pedagógico tem que fazer parte do ambiente escolar. Não adianta fazer um estudo teórico das propriedades nutricionais das frutas e oferecer refrigerantes pra tomar no intervalo. As Crianças imitam o comportamento dos Pais e muitas vezes ficam envergonhadas de levar alimentos saudáveis de casa, preferindo comprar na cantina o que o grupo aceita e valoriza, que em geral são alimentos com baixa qualidade nutricional”, diz Lorena. “Ou os Pais mudam seu próprio padrão alimentar, ou dificilmente haverá mudança nas Crianças.”

Dentre os projetos do movimento está o de ampliar e facilitar o acesso dos Alunos à horta do colégio, assim como trazer especialistas para fazer palestras, de forma a esquentar o debate. “A ideia do movimento é que ele seja permanente. Queremos de fato melhorar a oferta de alimentos no Colégio, e pretendemos também fazer intervenções nas feiras e eventos, como ocorreu durante a Feira de Cultura e Compromisso Social. Temos Pais das mais diferentes áreas profissionais no grupo que estão oferecendo seu tempo e dedicação gratuitamente. Todos só têm a ganhar com o movimento, mas tem que ter participação, sozinho a gente não faz nada”, conclui Lorena.

REFRIGERANTE, O VILÃO DAS CANTINAS

Se fosse possível apontar o campeão de rejeições por parte dos Pais, quando a pergunta é o que banir das cantinas escolares, o refrigerante ganharia disparado. Foi isso que ficou evidenciado na pesquisa realizada pelo Movimento pela Alimentação Saudável do CSVP durante a Feira de Cultura e Compromisso Social, em 25 de junho.

O questionário distribuído listava 18 tipos de lanches, seguido da pergunta “Gostaria que fosse vendido na cantina da escola”, com as opções sim e não para serem assinaladas. Ao todo, foram 127 formulários preenchidos.

“Podemos afirmar que nossa comunidade gostaria que refrigerantes, balas, batatas fritas industrializadas e biscoitos recheados fossem retirados da cantina escolar. Por exemplo, 83% dos Pais gostariam de proibir a venda de refrigerantes. Quando analisamos apenas as respostas dos Pais do EM, a rejeição sobe para 100%, e não deve ser à toa”, avaliou Danielle Andrade, do MAS.

A pesquisa também mostrou que o interesse por palestras sobre Alimentação Saudável também é bem expressivo. Entre os respondentes, 90% gostariam de ver este tema no CSVP. Já está na lista das próximas linhas de atuação no movimento.

Da esq. para a dir., o bolo em diferentes momentos com os diretores do Colégio: com o primeiro, Pe. Horta; com Pe. Almeida e a diretoria da APM; com Pe. Almeida e Pe. Horta; e embaixo, com Pe. Lauro (à esq.); Pe. Maurício; e Pe. Agnaldo



ONTEM E HOJE

Em meus quase 20 anos de Diretor do São Vicente (janeiro de 1980 a setembro de 1986 e de maio de 1999 a fevereiro de 2013), uma das tarefas mais gostosas era partir os bolos das festas, depois da primeira vez... Mas na primeira vez, sofri muito, com medo de que os bolos acabassem antes de cada um ter recebido sua fatia. O que fazer com aquelas mãos estendidas, se faltasse bolo? Mas nunca faltou, nas centenas de vezes em que os parti. Ali, em volta de mim, à volta da mesa, eram todos crianças, até os maiores, sempre alegres, depois do cachorro-quente, dos refrescos e sucos. (E eu ainda me permitia dizer que havia feito um curso de partidor de bolos, em Frankfurt, como pós-graduação)...

Falando baixinho, que ninguém espalhe minha confiança: eu me sentia como o pai alimentando seus filhos, às vezes até como um avô, fazendo felizes seus netos. E se algum dos meus predecessores, Padres Horta, Marçal e Almeida, não se sentiu assim, - se algum de meus sucessores (nas fotos, Padres Maurício e Agnaldo), também não se sentiu assim, perderam o melhor das festas, o mais carinhoso dos seus contatos, a mais rica das homenagens a nossos Alunos e Alunas, do menorzinho ao mais adiantado.

Pe. Lauro Palú, C. M.

DO ONLINE PARA O “ONLIFE”

A ex-aluna **Tatiana Leite** está por trás da **Benfeitoria**, plataforma digital de financiamento coletivo que transforma projetos em realidade

Até não muito tempo atrás, quem quisesse empreender um projeto pessoal, fosse uma viagem de estudos, um álbum de música ou um negócio de qualquer natureza dependia basicamente de empréstimo bancário ou da ajuda da família. O advento da internet possibilitou que um número ilimitado de pessoas contribuísse para por um empreendimento de pé, através das plataformas de *crowdfunding*, ou financiamento coletivo, as populares velhas e boas vaquinhas, só que virtuais.

No Brasil, esse tipo de iniciativa teve início em 2011, com duas empresas, inspiradas pela americana Kickstarter. Uma delas é a carioca Benfeitoria, que em pouco mais de cinco anos de atuação se orgulha de ter arrecadado R\$ 12 milhões de 85 mil colaboradores, dando vida a cerca de mil projetos dos mais variados tipos e formatos.

Por trás desses números de sucesso, está uma ex-Aluna do Colégio São Vicente: Tatiana Ferraz Pereira Leite, hoje com 34 anos, casada com Murilo, mãe de Téó, de 2 anos, e grávida de Lui, previsto para nascer em outubro.

Formada em 1999 no Ensino Médio do Colégio, onde estudou desde o segundo ciclo do Fundamental, Tatiana cursou Administração na faculdade. Trabalhava há seis anos na área de marketing da Coca-Cola, junto com o marido, quando sentiu que queria mais: queria dedicar o tempo e a

energia para iniciativas que fizessem a diferença na sociedade, usando tudo o que aprendeu ali para vender, não mais refrigerante, mas valores e comportamentos de que a sociedade está tão carente.

Cultura colaborativa

Nesse processo, conheceu o financiamento coletivo e, junto com Murilo, trocou a multinacional pelo projeto do site. A Benfeitoria nasceu desse sonho, conta Tati, como é chamada por todos. “Antes de ser uma plataforma, nosso sonho era ter um laboratório de inovação de projetos que fomentasse uma cultura mais humana, realizadora e colaborativa”.

Focada em projetos de impacto, não só social, mas também cultural, econômico e ambiental, a plataforma de mobilização Benfeitoria foi ao ar dois

meses depois da Catarse, que tem proposta semelhante, mas com a inovação de não cobrar comissão e prestar consultoria gratuita aos clientes.

Com isso, mais de 80% dos projetos que são publicados no site atingem a meta e são viabilizados, explica Tati, o que a coloca como a empresa mais bem sucedida do ramo, acima mesmo da líder que lhe serviu de exemplo.

Nesses anos todos, eles reuniram uma série de aprendizados importantes tanto dos projetos bem-sucedidos quanto dos que não foram viabilizados, e com isso lançaram a UFC, a Universidade do Financiamento Coletivo, onde



Tati (grávida, de vestido preto) com o time da Benfeitoria, que inclui mais duas vicentinas: Luiza Borges ou Luka (sentada de blusa preta) e Luísa Rodrigues (em pé na ponta esquerda, de cabelo cacheado)

foi posta online, aberta e gratuitamente, toda a metodologia do chamado *crowdfunding* para quem quiser estudar o processo.

“No Brasil atual, numa crise como a que estamos vivendo, empreendedorismo é uma das maiores benfeitorias que se pode promover”, afirma Tatiana.

Além dela e de Murilo, a Benfeitoria tem mais 15 colaboradores fixos, entre eles três vicentinos. Também entre os sócios benfeitores, grupo aberto que colabora financeira e criativamente com o projeto e compartilha de seus aprendizados, não por acaso há um bom número de ex-Alunos do São Vicente.

“É muito difícil separar o peso de cada elemento que nos formou. Eu acredito que tudo resulta de um somatório de forças. O Colégio é muito alinhado às crenças da minha família, então acredito que houve uma dupla influência de valores que foram dar no que sou hoje. Valores como cuidado, respeito, diversidade, consciência do nosso lugar e papel na sociedade e o desejo de fazer diferente”, diz a ex-Aluna.

Para Tatiana Leite, estamos vivendo um momento muito desafiador, mas com possibilidades infinitas de transformação. “A rede de pessoas que está empreendendo transformações no mundo todo é muito acessível. Ela é aberta como nunca foi. Isso é muito recente. Como isso tudo é exponencial, daqui a cinco anos, as possibilidades serão ainda maiores”, aposta.

A empreendedora se diz uma entusiasta desta nova geração que já nasce neste mundo de possibilidades e deixa seu recado para ela: “Não é fácil fazer diferença, é desafiador. Mas, para quem persiste, há caminhos muito acessíveis online. E do online para o ‘onlife’ são muitas as possibilidades reais de transformação. O mundo conta com vocês!”.



“No Brasil atual, numa crise como a que estamos vivendo, empreendedorismo é uma das maiores benfeitorias que se pode promover”

Tatiana Leite



DE VOLTA À VELHA CASA

Encontro dos Formandos de 2015 reúne ex-Alunos numa grande confraternização, visando manter e estimular o vínculo deles com o Colégio



Luísa Novis, à direita, ao lado do Prof. Fabiano

Churrasco, cerveja, refrigerante, um palco aberto a quem quisesse tocar e cantar, abraços, beijinhos, carinho sem ter fim e muitas histórias para trocar. Assim foi o Encontro dos Formandos de 2015 do Colégio São Vicente, realizado no pátio, na tarde de sábado, 21 de maio.

O evento é organizado pela Associação de Pais e Mestres, com o objetivo de manter e estimular o vínculo dos ex-Alunos com o Colégio e, com isso, permitir também que o Colégio tenha um registro do caminho que esse ex-Aluno está trilhando: para onde foi, que instituição está frequentando, que carreira escolheu seguir e qual está efetivamente cursando.

Originalmente, o evento era composto de um almoço com missa, mas a Diretoria atual da APM optou por esse formato de sarau aberto com churrasco, mais ao gosto dos jovens. “A ideia de proporcionarmos esse encontro é os ex-Alunos voltarem ao ambiente que foi deles durante muito tempo e permitir que eles se sintam novamente em casa no Colégio que os formou e que sempre será deles”, disse Carlos Diniz, Presidente da Associação.

Para Tulio Vasconcellos, Diretor de Relações Públicas da APM, a mudança de formato foi um acerto. “Este é o quarto ano que organizamos este encontro, e sempre temos mais de 90% de comparecimento. Os ex-Alunos têm a percepção de que esta é a última vez que todos estarão juntos – as três turmas – numa mesma situação e isso é mais um motivo para eles virem e se confraternizarem com os ex-Colegas”, explicou.

“Este é um momento incrível pra eles e pra nós também. Depois de anos de convivência diária, a gente se perde uns dos outros e essa oportunidade de estarmos novamente juntos e sabermos os caminhos que cada um está trilhando é muito reconfortante. É um momento de resgate de afeto e de atualização de uma relação que é muita cara para todos nós”, disse Cristina Marques, a Krika, Orientadora Educacional do Ensino Médio.

O encontro é organizado através de um evento fechado no Facebook, criado pela Diretoria da Associação com um mês de antecedência, e vai sendo alimentado ao longo do tempo até o dia do churrasco, quando são postadas fotos na rede, que garantem o registro da festa.



Theo Monclar e João Pedro Gomes

Com relação à cerveja, Tulio Vasconcellos conta que havia inicialmente uma restrição da instituição quanto a oferecer bebida dentro do Colégio, mas a Associação de Pais e Mestres ponderou que todos os ex-Alunos já têm 18 anos e que a cerveja no evento sinalizaria para uma relação mais social e moderada da bebida, do que se ela fosse proibida. “Nosso argumento era que quem quisesse beber, iria fazê-lo do mesmo modo, seja bebendo na rua, ou trazendo álcool mais pesado escondido na bolsa ou mochila. Como tem cerveja de graça oferecida aqui, não existe essa ansiedade toda de beber. Eventualmente, se alguém extrapolar, a gente tem como controlar, oferecendo mais água e refrigerante”, disse.

Já a ideia de ter um palco aberto, montado sobre as mesas de pingue-pongue, é permitir que os músicos das turmas se apresentem ou que eles se confraternizem num grande karaokê, que foi o que acabou acontecendo também este ano.

Quem foi, não se arrependeu. Para Luísa Novis, do 3º Ano A, foi praticamente a primeira vez que ela reviu os Colegas, já que tem se dedicado em tempo integral aos estudos, na tentativa de cursar Medicina. “Este encontro foi uma espécie de oásis no meu dia a dia de aridez e ralação. Pude encontrar não só aqueles que via eventualmente na Escola, mas também meus amigos mais próximos que eu vejo pouco por conta dos estudos. Estou adorando.”

Theo Monclar, da mesma turma e também fazendo cursinho para tentar



Rafaela Albano, de verde à direita, encontra as amigas...

Medicina, encontra com frequência os amigos mais próximos, mas quase não vê os demais. “Acho que esses encontros podiam ser mais frequentes, pelo menos dois por ano, pra manter o vínculo”.

Com ele concorda João Pedro Gomes, que era da mesma turma, e hoje estuda Nutrição na UniRio. Além do churrasco, eles gostariam de se encontrar com mais frequência em jogos de futebol no Colégio. “Bola é uma coisa que sempre agrega. Se o Colégio pudesse ceder a quadra pra gente jogar, nem que fosse uma vez por mês, seria muito bom. Fica a sugestão”, disse.

Outra que quis deixar sua sugestão foi a ex-Aluna Rafaela Albano, do 3º Ano C, hoje estudando Administração na Fundação Getúlio Vargas. Ela argumentou que é muito bom poder reencontrar pessoas que foram referência para sua vida. “Eu estudei aqui desde a 1ª. Série, então foram 12 anos juntos. Foi muito difícil para mim sair daqui e eu ainda sinto muita falta do Colégio e dos Colegas. Acho que falta um grupo que fosse focado em promover mais encontros nossos, tipo uma Associação de Ex-Alunos”. Perguntada se ela se interessaria em integrar uma associação dessas, Rafaela disse que sim e convidou quem também estiver disposto a participar a procurá-la no Facebook para darem andamento à ideia.

O Presidente da APM lembrou que já houve uma Associação de Ex-Alunos do São Vicente, hoje desativada. “Pode ser um momento bom para reavivá-la, principalmente pela facilidade que as redes sociais propiciam hoje”, disse Carlos Diniz.

TANIA ZAGURY: CONTRA AS DROGAS, DIÁLOGO, EXEMPLO E LIMITES

“Um dos melhores antídotos contra o consumo de drogas por parte dos Filhos é eles saberem que têm prazo de validade na casa dos Pais”. Com essa frase de efeito, a professora, pesquisadora, escritora e conferencista de educação Tania Zagury sintetizou seu recado aos Responsáveis que foram ouvir sua palestra sobre drogas na adolescência, na noite de 7 de julho, no auditório do Colégio São Vicente.

Contrária às teses de liberdade total e adepta dos limites claros na educação, Tania frisou que os Pais precisam perder o medo de dizer não aos Filhos em prol da segurança, estabilidade e da própria felicidade deles. “Não se educa sem se frustrar”, disse. Segundo ela, os Filhos não precisam ter tudo que querem, têm que estudar e trabalhar para conquistar sua independência e não viver indefinidamente na casa dos Pais. “Dêem tudo em termos de educação e valores, mas dêem, sobretudo, prazo de validade”.

Assim, disse a palestrante, os Filhos podem até passar por uma experiência pontual com um outro tipo de droga no início da juventude, mas não serão consumidores regulares porque terão boa autoestima e metas claras na vida.

Convidada pelo Grupo de Trabalho Álcool e outras Drogas, formado pelas Orientadoras Educacionais

Cristina Marques (Krika),

Rafaella Souza e Patrícia Rubim, pela Coordenadora do Ensino Médio, Liliane Santos e por Neuza Mikolos, da Associação de Pais e Mestres do Colégio, Tania Zagury começou sua palestra falando sobre o conceito de adolescência, uma construção cultural das sociedades complexas, que varia de acordo com o tempo e o lugar.

Instabilidade emocional

De acordo com a especialista, autora de 28 títulos sobre o tema, entre eles *best-sellers* como *Educar sem*

Culpa, *Limites sem Trauma*, *O Adolescente por Ele Mesmo*, e *O Direito dos Pais*, a adolescência é o período de transição entre a infância e a idade adulta, que tem como principal característica física a maturidade sexual e é marcada por fortes mudanças psicológicas nos indivíduos.

É um momento de grande instabilidade emocional em que os Filhos querem se diferenciar dos Pais, gerando tensões e conflitos no ambiente doméstico. “Pela primeira vez na História, a influência dos Pais na educação dos Filhos perde terreno para a exposição às mídias. O mundo hoje entra de forma avassaladora nas nossas casas”, disse Tania Zagury, explicando que, por conta disso, o período da adolescência se estendeu e hoje a Organização Mundial de Saúde estabelece que ele se dá entre os 10 e os 20 anos de idade, e não mais entre os 13 e 18 anos, como antes.

“Amar não é ser permissivo, mas, sim, estar consciente da sua responsabilidade como Pais”

Tania Zagury

A chave do problema está justamente em saber administrar esse momento de instabilidade. “A forma mais eficiente de educar é através do exemplo. Se você bebe, fuma ou usa outras drogas, a escolha é sua. Mas ninguém pode servir a dois senhores ao mesmo tempo”, disse. Segundo Tania, a maconha, muito usada pelos adolescentes, é hoje cinco vezes mais potente do que no período do movimento hippie, quando se popularizou, e extremamente prejudicial à memória.



FOTOS: CRISTINA BARCELLOS

Já o álcool, com efeitos físicos, mentais e sociais nefastos, é de longe a droga mais consumida pelos jovens. Pesquisa feita por ela em 10 capitais brasileiras, mostrou que metade dos alunos entre 10 e 12 anos já fizeram uso de álcool, 30% deles até a embriaguez. “Isso não é privilégio do Brasil, mas o fenômeno de um tempo que perdeu o gosto pelo trabalho e a realização, e de uma sociedade imediatista e hedonista”, afirmou.

Segundo pesquisa do IBGE, com dados de 2014, anterior à crise econômica, portanto, um em cada cinco jovens brasileiros entre 15 e 24 anos não trabalha nem estuda. Entre as causas do que chamou de “alongamento da adolescência”, a pesquisadora apontou o desejo de não autoritarismo dos pais, a insegurança, a culpa e o excesso de psicologismo.

Para Tania Zagury, a Família deve trabalhar construtivamente para fazer frente a esses fatores que contribuem para o aumento da possibilidade de adesão às drogas. “Amar não é ser permissivo, mas, sim, estar consciente da sua responsabilidade; é zelar para que os Filhos tenham informação e visão crítica sobre o uso das drogas e suas consequências e estar atento a mudanças de comportamento que possam sinalizar que algo não vai bem”, disse.

Dentre os sintomas apontados pela educadora nesse sentido, estão a irritabilidade, a agressividade, a falta de motivação para namoro, estudo, passeios e trabalho, a insônia, a troca do dia pela noite, tremores e sudorese frequentes, vermelhidão dos olhos e desaparecimento de objetos e dinheiro em casa.

Diante desses indícios, há que se acender o sinal de alerta. “Aí é preciso chamar para uma conversa franca, dar limites claros e pedir ajuda a um especialista, se preciso for”. Mas, Tania Zagury frisou, o melhor é não deixar chegar a esse ponto, agindo preventivamente através do diálogo, da informação, dos valores, do afeto, do exemplo e dos limites.

Antes do início da palestra, os Responsáveis receberam um questionário sobre consumo de drogas a ser preenchido e entregue ao final do evento. Em breve, será a vez de os Alunos adolescentes responderem às perguntas. Junto com a conferência de Tania Zagury, a iniciativa é mais um passo na reflexão sobre o uso do álcool e outras drogas, formulado pelo Grupo de Trabalho que trata do tema no Colégio São Vicente.

UM DOMINGO EM MUTIRÃO

Alunos, Professores, Coordenadores e Pais se juntam à comunidade local para dar mais vida e cor à Creche Comunitária Nino, na Vila Kennedy

“**Q**ue domingo alegre! Que domingo feliz! Ver tantas pessoas diferentes em idade, experiências sociais, em sua cor, crença... mas todas trabalhando juntas por um ideal! Pensando no próximo! Pensando nas crianças! Pensando na educação! Valeu Creche Nino! Valeu tantas pessoas que sonharam juntas comigo para que isso acontecesse!”

Este depoimento emocionado foi deixado pela Orientadora Educacional Maria Clara Borges na página do grupo Colégio São Vicente de Paulo no Facebook, no domingo 17 de julho. Maria Clara referia-se ao mutirão realizado na Vila Kennedy, Zona Oeste do Rio, para a pintura da parte externa e dos muros da Creche Comunitária Nino, iniciativa que dava continuidade ao projeto social iniciado há cerca de um ano com os Alunos do 9º ano do Fundamental e estendido aos Colegas do Ensino Médio.

“Em 30 anos, eu nunca vi essa creche tão bonita, parecendo lugar de criança”

Maria Lúcia Reis,
merendeira

Começou com uma visita mensal à creche para os Alunos do São Vicente passarem uma tarde brincando com as crianças da creche. São ao todo cerca de 100 crianças, de 6 meses a 4 anos, atendidas em horário integral, com banho, alimentação e recreação, por um grupo de educadores voluntários do Centro Comunitário Irmãos Kennedy.

“Toda vez que a gente vai lá faz um levantamento do que a creche está precisando. Vimos que a parte da frente da casa estava toda enlameada, então conseguimos levantar dinheiro para

eles cimentarem a entrada; depois, foram as telhas que estavam quebradas, e os meninos fizeram uma campanha, conseguiram dinheiro pra trocar as telhas”, conta Maria Clara.

Outro comentário constante era que o espaço era feio, sem cor, e a área externa, apesar de grande, não podia ser usada pelas crianças por estar cheia de buracos e com brinquedos quebrados. Foi daí que surgiu a ideia do mutirão, arregimentado por Maria Clara com o apoio da Associação de Pais e Mestres (APM).

“Usamos a tinta que sobrou da pintura do muro do Colégio para a parte da casa; e a do muro, que era maior, foi comprada com o dinheiro arrecadado no Bazar e na Feira de Compromisso Social. Os meninos do 9º ano fizeram doces para vender, e com o dinheiro compramos tinta e cimento para instalar os brinquedos doados pela APM e arrumar o parquinho novo”.

E assim foi dada a largada à pintura, que contou com a participação das Professoras Cacau Marçal, Fernanda Tonetto, da estagiária de artes Beatriz, de Simone Fuss, da APM e de outros Pais, além de onze Alunos

de 9º ano e do Ensino Médio do Colégio São Vicente de Paulo, que embarcaram na aventura junto com os Professores e Colaboradores da Creche Nino.

Ao final do dia, conseguiram montar e cimentar os novos brinquedos, reformar os antigos, fazer a pintura do muro interno e a parede de entrada da creche com desenhos criados pelas crianças.

“Foi uma experiência muito diferente. Eu trabalhei fisicamente, mas descansei muito a mente pintando, fazendo um trabalho coletivo, com amor, pensando nas Crianças que iam chegar ali no dia seguinte e olhar para aquela Escola que era preto e branca e agora está toda colorida”, disse Fernanda, Professora de Física.

“Eu acho que é bizarramente gratificante trabalhar com as Crianças, todo mundo fica muito feliz com a nossa ajuda e a gente também”, comentou a Aluna Maria Clara Freire, do 1º Ano A. “Acho muito bacana a gente estar ajudando. A parada mais maneira é ver a reação deles, superagradecidos”, disse Lucas Fuss, do 2º Ano C.

E ficaram mesmo. “É uma felicidade para nós vermos essas pessoas aqui nos ajudando. Em 30 anos, eu nunca vi essa creche tão bonita, parecendo lugar de criança”, disse a Merendeira Maria Lúcia Reis. Jair Muniz, Administrador da creche, também deu seu depoimento: “Essa irmandade vai durar muito tempo. Nós agradecemos muito em nome da Creche Nino, em nome do Conselho de Moradores de Vila Kennedy. Em nome de todas as nossas crianças, nosso muito obrigado!”.



FOTOS SIMONE FUSS





JOGOS VICENTINOS

Com a expectativa trazida pelos Jogos Olímpicos na Cidade do Rio, os Jogos Vicentinos Internos ganharam ainda mais emoção no Colégio São Vicente. A Abertura foi na tarde de 2 de junho, com os Alunos do Ensino Fundamental I. E contou com as presenças de Priscila Abib, campeã estadual de ginástica rítmica; das Alunas Gabielly, Laura e Sophie, da turma 901, dançando com bambolês; e do Aluno Daniel Cota, da 202, carregando a tocha olímpica. As competições do 1º ao 5º ano foram realizadas no horário do recreio e nos sábados, dias 4 e 11/6, nas modalidades futebol, queimado e dodgebol.



PROGRAMA DE VOCAÇÃO CIENTÍFICA

Durante a Feira de Cultura e Compromisso Social, em 25 de junho, seis Alunos do Ensino Médio expuseram seus *banners* e estavam a postos para explicar os trabalhos que desenvolveram no PROVOC. Foram eles: *Estudo do Aspecto Inflamatório em modelo experimental envelhecido* – Carol Cristine da Silva; *Setor de jornalismo e comunicação do Instituto Oswaldo Cruz* - Sofia Cazalgrandi Torres Costas; *Josué de Castro e o combate à fome no Brasil* - Gabriel Riechi Estill; *Projeto da Acessibilidade* - Luana Pestana Post; *Avaliação retrospectiva dos resultados obtidos para o teor de fosfato e citrato em solução anticoagulante* – Gabriela Figueiredo Soares; *Introdução ao laboratório de síntese orgânica* – Brenda Figueiredo Soares. Parabéns, galera!

Em sentido horário, a partir do alto à esq., Gabriela, Brenda, Carol, Luana, Gabriel e Sofia.

FOTOS MARIA CLARA BORGES



FESTA JULINA

Animação foi o que não faltou nas festas em homenagem a Santo Antônio, São Pedro e São João, nos dias 8 e 9 de julho. Aquecendo o clima, a Festa Julina do Fundamental II contou com recital de cordeis, quadrilhas e brincadeiras típicas ao som da banda Forró Abuletado. A festa do Ensino Médio deu sequência aos folguedos e terminou na estrelada noite de sexta-feira, com a clássica gincana cultural, supercriativa!

Os alunos dos 1º e 2º anos aqueceram a Festa do Fundamental I, sábado de manhã, com um baião bem divertido, seguido pela dança com fitas coloridas do 3º ano, todos comandados pelo Professor Leonardo Lois. Em seguida, o 4º ano se apresentou com uma quadrilha superanimada, a cargo da professora Débora Braga, e o 5º ano fechou as apresentações com o Auto do Boi Precioso, organizado pela professora Luciana Grether.

CAMERATA LARANJEIRAS

O aniversário de 57 anos do Colégio São Vicente de Paulo, celebrado em abril, contou com uma atração mais do que especial: a Camerata Laranjeiras, uma orquestra de cordas formada por jovens músicos das mais diferentes origens da cidade. “Tocamos de Bach a Bruno Mars e Tim Maia”, contou o violinista Tiago Cosmo, nascido na Favela da Grota do Surucucu, que junto com sua mulher, a alemã Karolin Broosch, e a violoncelista norueguesa Kaja Pettersen, criou a Camerata. A apresentação emocionou a todos os presentes e fechou as comemorações com chave de ouro, coroando o dia com parabéns regado a bolo com doce de leite.



MESA REDONDA COM EX-ALUNOS

No sábado, 18 de junho, 50 ex-Alunos compareceram ao Colégio para contar suas experiências profissionais. Foram dez salas, distribuídas entre carreiras abarcadas em grandes áreas temáticas: Direito, Biomédicas, Comunicação, Artísticas (duas salas), Engenharias, Ciências da Natureza, Humanas (também duas salas) e Humanas Aplicadas. “Foi muito bom rever vocês! Mais uma vez obrigada!”, disse Maria Clara Borges, do Serviço de Orientação Educacional, que organizou o encontro, em seu depoimento no grupo do São Vicente no Facebook. “Foi demais! Espero que os Alunos tenham aproveitado e gostado. Pode contar comigo!”, respondeu a ex-Aluna Clarice Medeiros, um dos muitos que participaram e curtiram o evento.

MARIA CÉLIA BUSTAMANTE

A CHAMA NÃO SE APAGOU



No dia 27 de setembro de 1973, Dia de São Vicente, era lançado o primeiro número da revista, que desde então vem registrando tudo o que acontece de mais relevante no Colégio São Vicente de Paulo: *A Chama*.

Fruto do entusiasmo, determinação e competência de uma integrante da Associação de Pais e Mestres no período de 1972 a 1977, a revista, que, em sua primeira edição, era datilografada e rodada em mimeógrafo, hoje é colorida e impressa em gráfica. Mas, mantém firme o mesmo compromisso de propagar a luz e o calor da Comunidade Vicentina: a vida escolar, associativa, esportiva, política, cultural, social e espiritual dentro e em torno do CSVP.

Essa integrante era Maria Célia Bustamante, Vice-Presidente da Associação, juntamente com seu marido, Ivan. Em 1972, Maria Célia já era mãe de nove filhos, quando resolveu estudar Jornalismo. Aos 44 anos, empolgada com a Faculdade, ela teve a ideia de criar um veículo impresso que desse voz não só à Associação, mas a todo o Colégio e aos valores vicentinos.

Pe. Almeida, então Diretor do Colégio São Vicente, imediatamente encampou a ideia e, junto com Maria

Célia, empenhou-se em viabilizar a revista, encarando-a como uma “força de reação aos movimentos de desagregação social”. Maria Célia ficou à frente da publicação durante as primeiras 22 edições, até o final de 1977, e voltou a ser sua diretora-responsável no número 27, de dezembro de 1979, permanecendo até maio de 1980, quando o novo Diretor, Pe. Lauro Palú, assumiu também a direção da revista.

Numa entrevista comemorativa do décimo aniversário de *A Chama*, a jornalista Maria Célia assim explicou o porquê do nome da revista: “A chama se constitui num simbolismo muito grande. Uma chama é algo que se reparte com os outros. O fogo simboliza a propagação de calor e vida nas culturas antigas...Uma chama, ao se dividir, nunca diminui, se expande sempre...O logotipo que criamos para a revista, uma série de velas que se sucedem, representa essa difusão de vida e amor”.

Mesmo afastada do dia a dia de *A Chama*, Maria Célia Bustamante manteve-se próxima do Colégio São Vicente e de suas atividades até sua morte, no dia 8 de maio último, aos 89 anos. No editorial do primeiro número da revista, ela escreveu: ...“Comunicar não é apenas informar; **comunicação é doação**”. Exatamente é este “dar de si” que é a nossa grande preocupação. Doação significa servir, e servir com alegria, com entusiasmo”.

Foi o que fez Maria Célia Bustamante. Su*A Chama* segue acesa.



Maria Célia, entre Padre Almeida (à dir.) e seu marido, Ivan Bustamante, com quem foi casada por 68 anos. Ela morreu dois meses depois dele

Fundadora e diretora da revista em seus primeiros anos, a jornalista, falecida em maio, deixa um legado de entusiasmo e competência para a Comunidade Vicentina

a chama

PUBLICOU HÁ... 39 ANOS

OLIMPÍADAS DO COLÉGIO

Em tempos de Jogos Olímpicos Rio 2016, *A Chama* revisita as Olimpíadas do Colégio que, entre setembro e outubro de 1977, mobilizaram a comunidade escolar do São Vicente e ganharam destaque na edição nº 22 da revista.

O texto, escrito pelo então Coordenador de Educação Física Sergio Rabello, aponta o espírito conjunto, o esforço de cada um e a participação de todos no sucesso do evento, que durou dez dias e se estendeu à pista de atletismo da Escola de Educação Física do Exército, na Urca, e à piscina do Rotary Club Botafogo.

A ilustração da menina com a tocha olímpica erguida tem a marca da delicadeza do traço de Lula, a então Aluna Maria Lúcia Bustamante, autora de muitos desenhos para *A Chama* nos anos 70.

UM POR TODOS

O espírito conjunto é o caminho mais acertado para se atingir um objetivo. No período de 24 de setembro a 3 de outubro foram realizadas as Olimpíadas do Colégio. As turmas divididas em grupos de acordo com a faixa etária, participaram das seguintes modalidades esportivas: Tiro, Atletismo, Pingue-pongue, Xadrez, Natação, Volei, Basquete e Futebol.

Os grêmios planejaram com os professores e se encarregaram da divulgação e motivação das turmas. Contamos, também com a colaboração da Escola de Educação Física do Exército que nos cedeu a pista de Atletismo, e do Rotary Club Botafogo que, por intermédio do Sr. Alberto Piña Rodrigues conseguiu a piscina emprestada. Infelizmente não tivemos o mesmo êxito com a competição de Ciclismo que deixamos de realizar.

Foram dez dias nos quais os alunos puderam demonstrar o quanto participam da vida do Colégio, o seu espírito de luta e vontade de vencer, a organização e espírito de equipe, além de suas habilidades nos diferentes esportes.

Como não poderia deixar de acontecer, as turmas do 2º B e 72 que apresentaram o melhor trabalho em conjunto durante todo

o período dos jogos (e mesmo antes dele), foram as que obtiveram os melhores resultados na contagem final.

O esforço de cada uma e a participação de todos foi a resposta encontrada por eles para chegar ao objetivo.

Sergio R. S. Rabello
Coord. Ed. Física



III CONCURSO FOTOGRAFICO PE. LAURO PALÚ

FOTO VENCEDORA
DO JURI POPULAR



CLARICE DE MORAES BRITO - 2ºB